

## Josy Kimberly – narrativas em travessia: gênero, corpo, prostituição e ativismo solitário em Belém (PA)\*

Oswaldo da Silva Vasconcelos\*\*

### Retalhos

Neste estudo, apresento Josy Kimberly, uma interlocutora então coadjuvante em minha pesquisa de conclusão da graduação em geografia.<sup>1</sup> Josy foi profissional do sexo por cerca de vinte anos, e aqui trato de sua trajetória de trabalho pelas ruas do bairro do Reduto, na cidade de Belém. A partir das narrativas de Josy, discorro sobre a escolha e o aprendizado no campo social da prostituição de travestis como um projeto de vida cruzado por laços de amizade, rivalidades e disputas, e sobre como se deu sua entrada na militância solitária<sup>2</sup> para as políticas de prevenção de DST/AIDS. Discuto, ainda, os componentes que pertencem à trajetória de travestis de sua

---

\* Agradeço a Danila Cal (UFPA), Manuela Corral (UFPA), Laura Moutinho (USP) e Robson Cardoso de Oliveira (UFPA) pelas valiosas contribuições.

\*\* Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: osvaldova, intitulado sconcelos@gmail.com.

1 O estudo, intitulado *Reduto x reduto: a manutenção da territorialidade travesti e outros trottoirs*, foi sobre território de prostituição travesti e manutenção da territorialidade e da identidade, no bairro do Reduto, em Belém.

2 Há uma política de prevenção para DST/AIDS da Secretaria Municipal de Saúde (SESMA) em parceria com o Grupo Homossexual do Pará (GHP), mas, à época em que Josy decidiu, à revelia dessas instituições, distribuir preservativos e panfletos no território de prostituição, tais ações eram incipientes e, no entendimento dela, não alcançavam as principais interessadas, as travestis.

geração, como a transição de “viadinho”<sup>3</sup> a categorias superiores na hierarquia das travestis, como um batismo, uma espécie de ritual de iniciação ao *ethos* da prostituição, contínuo a outros elementos que formam as regras sociais e os códigos ético-morais que abarcam a aquisição de competências para esta ocupação.

O ponto de partida deste trabalho é a memória, que Le Goff (2003) considera ser de ímpar importância para que se compreenda a identidade, seja ela individual ou coletiva. A interlocutora desse estudo, ao rememorar, produz o que preconizam Eckert e Rocha (2005): remete a si própria, bem como ao pesquisador, à fluidez das experiências do vivido. As autoras ainda afirmam que o ato de rememorar realiza um movimento dialético entre passado e presente, possibilitando que as memórias venham à tona (Eckert; Rocha, 2005).

Dessa forma, a história oral nos possibilita encarar o passado como um processo histórico inacabado, que deságua suas lacunas no presente. É nesse sentido que a metodologia permite complexificar o entendimento do passado, valorizando e singularizando as memórias dos depoentes, e fazendo com que eles, como afirma Meihy (2005), façam parte atuante do contexto social em que estão inseridos.

Ainda no campo da memória, Pollak (1989) sustenta que, nesse fascinante ambiente, os silêncios e “não ditos” não devem ser encarados como meros esquecimentos, pois, sem um Outro que o ouça, o indivíduo angustiado ou traumatizado modifica, conscientemente ou não, as lembranças, por medo de julgamento ou retaliação. Em diversos momentos, para poupar-se de constrangimento ou de uma lembrança dolorosa, Josy omitia partes que já haviam sido contadas em outros momentos da pesquisa, sobretudo com relação à sua infância. Para Pollak (1989), ocorre uma negociação entre o dito e o não dito. O autor sustenta que as memórias também são silenciadas pela cidade e seus componentes concretos, como a arquitetura, as paisagens; e mais, pelos seus componentes abstratos, como as artes, as experiências individuais e/ou coletivas.

---

3 O grupo classifica a categoria “travesti” da seguinte forma: “viadinhos” (sem silicone algum); “belíssimas” (com silicone industrial); “europeias” (com silicone em prótese); “barrocas” (travestis mais velhas, anteriormente pertencentes às categorias “belíssima” e “europeia”) (Vasconcelos, 2016; Vasconcelos; Cal; Mokarzel, 2016).

Phillipe Lejeune (2014), ao analisar as narrativas pessoais, diz que publicizar uma história de si é aproximar o leitor/ouvinte, mas não apenas isso. Narrar uma história é lançar luz sobre um passado, torná-lo mais transparente, ampliar o conhecimento sobre si. Ora, os relatos de Josy Kimberly sobre momentos importantes de sua vida, como a infância, por exemplo, expõem não somente para o pesquisador, mas para ela própria, a vivência percorrida até ali, permitindo reconfigurar um futuro, sem deixar de lado as dores e marcas do passado, centrado em seu corpo em trânsito e em sua identidade de gênero em formação. O pacto criado entre Josy, a protagonista, e eu, o pesquisador, tem no relato o elo primordial entre dois universos culturais (Lejeune, 2014).

Para alcançar o objetivo citado, entrevistei Josy em diversas oportunidades, num intervalo de nove anos – iniciando em 2007 e terminando em 2015. Para este artigo, o ano de 2014 foi de fundamental importância, pois foi quando ela iniciou sua militância solitária. Entretanto, os registros de todos esses anos permanecem preservados em diários de campo e em gravações em áudio.

## O encontro

Conheci Josy como integrante de um pequeno grupo de travestis que se encontrava sempre no mesmo ponto do território, uma área escura, afastada do movimento de bares e boates, próximo à zona portuária. Meu objetivo era mapear o território, mas, durante minhas incursões, descobri que dentro do território maior havia pequenos territórios, todos ocupados por travestis, e que visivelmente eram diferentes entre si. A esse respeito, Néstor Perlongher (2008) afirma que os sujeitos que fazem de territórios marginalizados seu lócus, transitam por ele ao sabor de interesses ora mercantis, ora de lascívia, criando “microterritórios”, num processo de re/desterritorialização constante.

No tocante a esses territórios menores, é possível fazer referência a Michel de Certeau (1998), quando ele aponta que o território integra a experiência vivida, isto é, dado lugar é transformado em espaço vivido quando os indivíduos potencializam suas movimentações em seu interior, atualizando-o constantemente. Josy ficava à frente das outras, num pedaço do território maior, destinado às novatas, como se fosse uma general comandando soldados.

Ao elaborar o projeto para minha pesquisa de mestrado, retomamos o contato, após um hiato de quase um ano. Josy, então, era empregada doméstica na casa de uma médica. Nesse intervalo, conquistou a confiança da patroa, bem como de toda a família, que ajudava a cuidar. Nessa residência, Josy cuidava da casa, pagava contas e ainda levava a filha caçula da patroa para a escola. No tocante à escolaridade, Josy relata que estudou até o sexto ano do ensino fundamental, ainda no município de Ponta de Pedras, e que desde então não mais retornou à sala de aula em lugar algum. Não quis mais estudar, embora a patroa tenha insistido muito.

Josy se apresenta como alguém que tem muitas histórias para contar sobre o universo da prostituição travesti: “Mesmo a situação de hoje sendo diferente da minha época!”<sup>4</sup> A decisão de expor partes significativas de sua existência derivam do fato de ter, segundo relato seus, sobrevivido para contar a história de alguém que “morreu para nascer” e que sustenta no corpo as cicatrizes da experiência travesti.

O contato com Josy, que resultou nesse relato, deu-se em duas oportunidades. A primeira, quando a descobri, durante o processo de mapeamento do bairro, alguns anos atrás. A segunda, quando da confecção do projeto de pesquisa para meu mestrado. Este último contato, que se dividiu em três encontros, foi necessário para que fossem checadas atualizações pertinentes ao período em que ela ainda se prostituía.

Josy tem cabelos vermelhos e alisados que caem pelas costas, 1,72m de altura, usa lentes de contato verdes. No momento de nossa conversa, usa um uniforme de empregada doméstica, cinza, com avental branco. Mas diz que isso é só no trabalho, pois quando sai com as amigas, quer tudo colado no corpo, seios quase saltando do bustiê. Segura um celular com uma das mãos, protegido por uma capa dos *Minions*.<sup>5</sup> Tem 33 anos e construiu sua carreira como profissional do sexo pelas ruas por quase vinte anos. Mora sozinha numa quitinete alugada no bairro do Guamá, periferia da cidade de Belém. Durante meu contato com Josy, fui testemunha de diversas ocorrências em sua quitinete, constantemente alagada pelo córrego que passa atrás da vila onde sua habitação está localizada.

---

4 Josy entende que, desde quando se iniciou na prática da prostituição, houve uma melhora quanto à aceitação social das travestis no bairro do Reduto..

5 Personagens de um filme estadunidense de animação, *Meu malvado favorito*, lançado em 2010.

Por conta dessas intempéries, Josy dorme na casa da patroa algumas vezes por mês. Diz não querer dormir sempre, pois tem um namorado e precisam se encontrar algumas vezes. Deixa bem claro que não mistura as coisas, pois “trabalho é uma coisa e vida pessoal é outra”. Ressalta que o namorado, motorista de van no transporte de passageiros, contribui para pagar o aluguel dela, além de ajudá-la em questões domésticas, como trocar um botijão de gás e consertar sua prancha de alisamento capilar.

## A vida de Josy Kimberly: do arquipélago para a metrópole

A família de Josy é natural da cidade de Cândido Mendes (MA); contudo, ela e seus seis irmãos nasceram no município de Ponta de Pedras, na ilha do Marajó (PA). Seus pais vieram para a Amazônia em busca de trabalho durante o processo de abertura de estradas na região, no regime militar.

Na história familiar, conta que seu pai, lavrador, não tendo condições de sustentar a esposa, vendeu tudo o que tinha e partiu com ela num ônibus rumo ao Pará, facilitado pela intermediação de um *gato*.<sup>6</sup> Entretanto, quando chegaram ao município de Altamira, foram trancafiados numa fazenda, trabalhando o dia inteiro num regime de semiescavidão. Após alguns meses, conseguiram fugir e, sem ter um lugar para onde ir, foram pedindo carona para bem longe, até aportarem na ilha do Marajó, mais especificamente no município de Ponta de Pedras.

Minha mãe conta que o Maranhão era tão escroto de viver, que tiveram mesmo que ficar aqui no Pará. Mesmo passando por tudo o que eles passaram, ela dizia que era melhor, sabe. Lá em Ponta de Pedras meu pai arranhou emprego como vaqueiro e minha mãe como cortadora de castanha-do-pará. Depois que todos nós nascemos, ele começou a beber muito, batia na mãe, em nós tudo. (Josy Kimberly, 2014).

---

6 É o responsável pelo aliciamento de mão de obra através de promessas mentirosas. Ao entrar na fazenda, o trabalhador é informado de que está endividado e, como seu salário nunca é suficiente para quitar a dívida, fica aprisionado. Para maiores esclarecimentos, ver Sakamoto (2006).

Josy, então com doze anos, a caçula de sete filhos, todos homens, passou a vender balas para ajudar na renda familiar, momento que ela disse ter sido de intenso sofrimento, pois andava muito e ainda tinha de aguentar comentários de pessoas sobre seu jeito afeminado. Durante essas saídas para vender bala, ela disse que gostava de postar-se na orla do município para ver os barcos. Ficava se perguntando o que havia do outro lado do rio, se era melhor que o lugar onde ela estava. Numa dessas idas à orla, travou contato com alguns barqueiros. Entre conversas, ela disse que sonhava em sair da cidade, queria ir para um lugar maior. Um dos barqueiros lhe faz uma proposta. Disse que daria carona para o outro lado se ela fizesse alguns favores. Ela relata assim o início de sua fuga e também de sua iniciação sexual:

Eu era inocente, sabe. Uma criança. Mas eu queria fugir e fazia qualquer coisa para sair daquele lugar. Perguntei pro barqueiro como eu fazia pra chegar do outro lado. Ele desconversou, mas como eu insisti muito, resolveu me ajudar. Disse que se eu brincasse com o pinto dele um pouco, me levava pro outro lado. Eu não entendia o que tava acontecendo, sabe, mas mesmo assim, eu disse sim. Ele marcou comigo em outro ponto, ali tinha muita gente. No outro dia, já no local que ele tinha marcado, embaixo duma árvore, ele apertou meu ombro e me fez chupar o pinto dele. Não sei dizer o que senti, mas gostei. Depois ele me empurrou contra a árvore, abaixou meu short e me comeu. Quando ele saiu de dentro de mim, o pau dele tava sujo, sabe, cheio de nena [fezes]. Ele me xingou, me chamou de viadinho imundo. Fiquei parada, sem dizer nada. Aliás, disse uma coisa. Perguntei se ele ainda ia me levar pro outro lado. (Josy Kimberly, 2014).

Quando voltou para casa, horas depois do ocorrido, Josy não conseguiu disfarçar a dificuldade em andar. Sua primeira experiência sexual havia sido abrupta e seu corpo franzino não suportou a agressividade do ato praticado pelo barqueiro. Quando os pais voltaram do trabalho, à noite, perguntaram o que havia ocorrido. Ela mentiu, dizendo que caíra num buraco. Contudo, um dos irmãos, sabedor do que as pessoas falavam do então irmão caçula, disse que ela andava de conversas com os barqueiros da orla. O pai, avançando sobre ela, perguntando o que ela andava fazendo dentro dos barcos, saiu desferindo chutes e pontapés, dizendo que ela era uma aberração, que era a sujeira da família. Especificamente nesse ponto, diante da posição autoritária e coercitiva do pai, recorremos a Judith Butler (1999), quando esta

teórica *queer* reafirma o caráter discursivo da sexualidade. Butler infere que as sociedades, ao longo do tempo, delimitam normas que vigiam e solidificam o sexo dos sujeitos e que essas normas são reforçadas o tempo todo para que o objetivo maior, a concretude, seja enfim realizada. Entretanto, a mesma autora afirma que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (1999, p. 54).

Horas depois, quando todos dormiam, Josy, mesmo com hematomas e dificuldades para andar, jogou algumas roupas numa sacola plástica e fugiu. Quando chegou à orla, o barqueiro estava à sua espera. Ia cumprir sua parte no trato. Percebeu que ela havia sido espancada, mas nada disse. E, assim, Josy saiu de Ponta de Pedras para nunca mais voltar. O barqueiro lhe disse que a viagem para a capital demorava de quatro a cinco dias, pois ele pararia em alguns municípios para despachar mercadorias, antes de finalmente aportar em Belém, e que, ao longo desse tempo, ela precisaria comer. Dito isso, passou a mão de maneira calma sobre o pênis. Foi dessa forma, mesmo indiretamente, que Josy descobriu no sexo uma forma de ganhar a vida. Segundo seus relatos, mesmo ferida no ânus e no corpo, pagou a viagem até Belém com sexo, nunca esquecendo que foi dessa forma que conseguiu chegar à capital.

## Belém não é idílica

Quando aportou em Belém, Josy foi mandada embora pelo barqueiro. Ele ainda pegou sua sacola e jogou sobre ela, dizendo que aí estava a cidade que ela queria conhecer, que tivesse sorte, pois ia precisar. Foi no Porto da Palha, local de trocas comerciais de alimentos, principalmente açaí, que Josy ficou por alguns dias. Dormia embaixo de marquises, revirando latas de lixo à cata de algo para comer. Fez amizade com uma feirante, que percebeu rapidamente que ela, olhando para tudo e todos com espanto, não era da cidade. A feirante ofereceu-lhe emprego como ajudante. Josy separava tomates, tirava cascas de cebola, varria o chão no entorno da venda e dormia, após o expediente, na parte de baixo da barraca, entre legumes e baratas e bitucas de cigarro.

É nesse contexto que Josy vai aprendendo os atalhos para se virar na capital. Após alguns dias de convivência, já gritava pelos fregueses, trocava gracejos com os passantes, vendedores de açaí, peixeiros. Michel Foucault (1999), ao analisar a confissão, envereda nos discursos que fazemos sobre

nós, que podem ser proferidos em diversas situações, em diversas circunstâncias, mas que “confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância” (Foucault, 1999, p. 68). Durante a troca de confidências, Josy acabou revelando uma parte de sua história para a feirante.

Eu contei pra ela um pedaço da minha história. Disse que eu tinha fugido de casa, que não aguentava mais ser espancada, que aquela cidade era pequena demais pra mim, sabe. Nessa época eu ainda acreditava nas pessoas, mas ninguém presta. Essa senhora me ajudou e eu acreditei que ela fazia de coração, que fosse uma alma boa. No outro dia, ela me apresentou uma mulher. Disse que essa mulher tinha uma proposta de trabalho, que eu ia gostar. Quando fiquei sozinha com a mulher, ela mandou eu tirar minha roupa. Estranhei, sabe, mas tirei. Depois ela mandou eu dar uma volta. Depois disso tudo, ela disse que eu tava contratada. (Josy Kimberly, 2014).

É a partir desse momento que Josy entra, por assim dizer, no mundo da prostituição. Inicialmente, ela é contratada para servir mesas num bar de fachada. Nos fundos desse estabelecimento, após um longo corredor escuro, ela diz que ficavam diversas mesas, papagaios de papel laminado pendendo do teto, que balançavam ao sabor do vento, um palco onde alguém sempre cantava bregas antigos e muita gente, principalmente feirantes do Porto da Palha. Durante alguns meses, ela servia mesa, limpava chão, abastecia o freezer de cervejas e refrigerantes, limpava os quartos minúsculos que os frequentadores usavam para fazer sexo com mulheres que se prostituíam lá mesmo.

Os dias foram passando e passando. Aí, numa noite, conheci a Filomena.<sup>7</sup> Bicha linda, linda de morrer. Parecia uma mulher, com uns peitão assim, ó, grandão. Eu nunca tinha visto uma bicha como aquela. Na hora eu percebi que ela não era como as outras mulheres, sabe. A gente sempre sabe, não sei como, mas sabe. Eu tava colocando cerveja no freezer quando ela chegou no balcão e disse: ‘Ei, viadinho, dá uma cerveja aqui pra prima [colega]’. Quando levantei a vista e vi aquela bicha com aquele cabelão, peitão, dando close [nesse caso, virando o rosto] pra todos os lados, eu pensei: ‘É isso que eu sou!’. Dei a cerveja pra ela e ficamos conversando, e tal, e aí

---

7 O nome é fictício, para preservar a identidade da pessoa citada.



ela perguntou de onde eu era. Falei. Ela disse que eu tava perdendo tempo naquela espelunca, que eu podia ganhar muito aqué [dinheiro] noutra lugar. (Josy Kimberly, 2014).

Desse modo, Josy, meio sem querer, como um acaso (Peirano, 1995), é iniciada oficialmente no mundo da prostituição travesti. Contudo, Filomena teria dito que Josy precisaria mudar tudo, desde as roupas “machudas” (masculinas) que ela usava, o jeito interiorano e, principalmente, o nome. Foi Filomena quem sugeriu que José, nome de batismo, virasse Josy, com “y”, pois era mais “fechativo” [chamava mais atenção]. Josy lembra que Filomena acrescentou que um sobrenome de peso, com uma sonoridade em inglês, causaria uma boa impressão. Nesse momento, Filomena pediu a Josy que dissesse qual diva da música pop ela admirava. Josy relata essa passagem curiosa:

Menino, eu não sabia nem o que era música pop! Eu falei pra ela: ‘Música não é tudo música?’. A bicha respondeu: ‘Tua situação é difícil, viadinho. Nem Madonna a senhora conhece?’. Eu não sabia quem era Madonna! Até hoje eu me envergonho de não ter conhecido a rainha mais cedo. Mas naquele fim de mundo eu nem via televisão, sabe. Aliás, eu via, sim. Mas eu via o programa da Angélica, que passava de manhã. *Angel Mix*, era esse o nome. E quando a gente tava escolhendo meu nome, lembrei de um sobrenome pra mim. Eu disse pra bicha que passava um seriado no programa da Angélica que eu assistia e tinha uma lutadora lá, dos pole rengo [Power Rangers], a Kimberly. Menino, foi tipo uma luz na minha cabeça! Eu disse assim: ‘Bicha, escolhi meu nome! Agora não sou mais José. José morreu naquela ilha. Agora sou Josy Kimberly’. E foi assim que eu nasci. (Josy Kimberly, 2014).

A nascente relação entre Josy e Filomena pode ser analisada à luz da perspectiva de Paul Ricoeur (2006) sobre a amizade. Segundo esse autor, os laços construídos entre dois seres pressupõem a *mutualidade*, que por sua vez é princípio básico para o surgimento da alteridade. Salienta Ricoeur: amigos possuem responsabilidades mútuas, amigos criam relações de auxílios mútuos. Ele diz que “com a necessidade e a falta, é a alteridade do ‘outro si’ [...] que passa ao primeiro plano. O amigo, como este outro si, tem por papel prover o que somos incapazes de conseguir por nós mesmos” (Ricoeur, 2006, p. 149). Nessa perspectiva, Josy e Filomena vão, aos poucos, construindo uma

relação de amizade, uma sendo responsável por dado sentimento criado na outra, fortalecendo, dessa forma, as bases do contato nascente.

## O nascimento da Vênus

Após o contato com Filomena, Josy passou a não se apresentar mais como José. Incentivada pela nova companheira, anunciou que mudaria, pois agora, sim, havia entendido qual seu papel nessa vida. Pode-se inferir que, a partir desse momento, Josy ultrapassou definitivamente a barreira de um regulador da vida de sujeitos não heterossexuais, comumente chamado de “armário” (Sedgwick, 2007). Essa autora aponta para o prazer, para o frescor da revelação, da saída para uma “atmosfera das articulações públicas” (Sedgwick, 2007, p. 21). Para Josy, o peso de tal armário pode não ter sido o mesmo que para homossexuais que pautam seu sofrimento social nessa etapa da existência; mas, para essa autora, o armário em si “é uma característica fundamental da vida” (Sedgwick, 2007, p. 21) desses indivíduos. Entretanto, Sedgwick salienta que o armário não é uma exclusividade dos homossexuais, pois o armário está ligado a binômios que pautam a vida de todos, como o claro/escuro, o verdadeiro/falso, o visível/invisível, não devendo ser somente direcionado para o ato de assumir uma sexualidade diferente do heterossexual.

Olhando a nova vida com a nitidez da descoberta, Josy entrou em contato com a dona do estabelecimento, agradeceu a ajuda, mas ressaltou que precisava partir para encontrar seu próprio caminho. Feito isso, foi morar no bairro de Fátima,<sup>8</sup> dormindo num colchão que era colocado no chão, num longo corredor da casa onde Filomena morava. Dias após o estabelecimento na nova residência, Josy foi comunicada que precisava fazer sua estreia na “batalha”,<sup>9</sup> como definem Marcos Benedetti (2005) e Larissa Pelúcio (2009). O primeiro, estudando as travestis em Porto Alegre, evidencia a prática da prostituição como algo além do mero ato de trabalhar, pois, para a travesti daquela cidade, batalhar é um trabalho diferente, que envolve “sexo e dignidade” (Benedetti, 2005, p. 36). Já para Pelúcio, a batalha das travestis na

---

8 Bairro central da cidade de Belém. Apesar de determinadas partes do bairro ainda possuírem moradias precárias, a região vai, aos poucos, se transformando numa área considerada nobre, apinhada de condomínios verticais.

9 Referência ao ato de se prostituir nas ruas.

cidade de São Paulo é tudo isso, mais a oportunidade de mostrar o quão feminina se pode ser, pois o *trottoir*<sup>10</sup> é uma oportunidade de mostrar a mulher que fora construída, que fora milimetricamente pensada para estar ali, flinando pelas madrugadas.

Horas antes de finalmente chegar ao bairro do Reduto<sup>11</sup> para seu primeiro dia na prostituição, Josy travara uma luta diante da peruca que usaria e da roupa que vestiria. Confusa, optou por uma peruca loira, que segundo sua ótica brejeira, chamaria a atenção dos clientes. Como não tivera, até então, o hábito de usar roupas femininas, ficou receosa ante a minúscula saia rendada que Filomena lhe indicara. Aqui, cabe destacar o pensamento de Berenice Bento (2006), que ressalta as performances estéticas e físicas de um corpo que surge e que precisa legitimar sua existência. Josy não sabia andar de salto alto e, segundo Filomena, ela precisava saber, pois “travesti não anda como as pessoas, travesti flutua”. Josy explica sua construção:

Eu não sabia andar de salto! Usei havaiana a vida inteira. Nem tênis eu usei. Quer dizer, até aquele dia meus pés não entraram em nenhum calçado, só chinelo. E a bicha queria que eu andasse de salto. Aí, do nada a bicha gritou: ‘Corre, viado, olha a Elza [ladrão]!’. Menino, eu danei a correr de susto, passando pela bicha igual saci na floresta. Claro que o babado não foi assim, mas eu peguei rapidola. Eu andava de salto alto até na areia. Eu nasci pra isso. Andar de salto é comigo mesmo. A bicha me disse que quando alguém perguntasse como eu aprendi a andar de salto, era pra mim dizer que eu nasci sabendo, que eu sempre flutuei. (Josy Kimberly, 2014).

Devidamente familiarizada com os saltos, Josy foi ensinada a se maquiar e a gesticular as mãos no ar, como se estivesse eternamente encenando *O lago dos cisnes*,<sup>12</sup> e também a lançar sempre um olhar desafiador a quem quer que seja, pois na noite, Filomena dissera, “tudo é encenação”. Didier Eribon (2008), citando Erving Goffman, discursa sobre os jogos acerca da apresentação de si. Eribon, ao analisar as performances sociais que todos fazemos – em

---

10 Segundo o *Dicionário Larousse Francês-Português* (2009), significa “calçada”. No entanto, de acordo com o *Dicionário Michaelis* (1998), o termo foi “abrasileirado” para “fazer o *trottoir*”, como é o caso em questão neste estudo, e significa o ato das prostitutas de andar pelas calçadas, aliciando clientes.

11 Bairro histórico da cidade de Belém. É tombado pelo patrimônio histórico e limítrofe à zona portuária.

12 Balé composto por Tchaikovsky.

casa, no trabalho, ou em qualquer outro ambiente, a fim de sublimar nossas imperfeições –, assevera que elas são “particularmente procedentes em relação aos homossexuais” (Eribon, 2008, p. 14), pois os jogos para encarcerar/libertar o eu gay vão depender do lugar e do tipo de contato travado. Após os primeiros ensinamentos, era chegada a hora de Josy ser apresentada às novas companheiras de batalha.

Amedrontada e tendo Filomena à sua frente, ela foi caminhando pela Rua Gaspar Viana. A pouca luminosidade, o vento forte desalinhando seu cabelo momentaneamente loiro, o salto alto dando toques secos na calçada a cada pisada, tudo ia se confundindo em sua mente. Quando pararam na esquina da Travessa Quintino Bocaiúva, Filomena anunciou que, como toda travesti, Josy deveria ganhar a confiança das demais. Apontou para o final da travessa e disse para ela ir seguindo e quando encontrasse “umas bichas magrelas e jovens”, deveria se apresentar e dizer que era novata. Ricouer (2006), ao analisar o reconhecimento, invoca a *fenomenologia da simpatia* e da *ética do respeito* como formas complementares de respeito perante o outro. Josy, indo ao encontro de um grupo que não conhecia, precisava estabelecer relações, laços.

Fui andando, sabe, sumi na escuridão e logo descobri que eu precisava me virar sozinha. Tava bom demais pra ser verdade. A bicha que eu achava ser minha fada madrinha tinha virado uma bruxa. Eu queria chorar, mas não deitei. Fui andando e cheguei lá com as outras. Disse meu nome e lá fiquei. As viadinhos são tristes, sabe. Eu era uma viadinho triste também. Lá é tão deserto que só arrumei cliente depois de duas noites. As viadinho sofrem todo dia. A vida é um deserto o tempo todo. (Josy Kimberly, 2014).

Após alguns meses, Josy já era conhecida no Reduto. Calejada pelas agruras que a vida lhe impôs, rapidamente encontrou formas de sobreviver nas madrugadas. Contudo, tudo parecia mais complicado conforme os dias iam passando. Alertada por Filomena a sempre usar preservativo nas relações sexuais, Josy, passando por uma “fase escrota” [sem clientes], sucumbe ao pedido de um cliente. Mesmo sabendo do risco, aceitou fazer o programa sem o uso do preservativo, pois o cliente alegara que, além de “estar limpo”, tinha dificuldade de ereção quando tentava colocar o preservativo. Segundo Josy, a consciência pesou tanto que, após esse episódio, ela prometeu para si mesma que não transaria sem preservativo novamente.

## Virando mulher

Josy percebeu que no território de prostituição travesti há regras. Algumas claras, outras nem tanto. A primeira regra, e talvez a que mais a chocou, foi a de não ser considerada travesti pelas demais. O seu grupo, que ficava na escuridão da Travessa Quintino Bocaiúva, era classificado pelas outras como de “viadinhos”. Lá, eram confinadas aquelas que, como Josy, não possuíam silicone, seja industrial, seja prótese. Essa ausência demarcava sua circulação nas demais áreas. Ameaçadas por aquelas que já possuíam algum tipo de silicone no corpo, travestis de fato e de direito, as “viadinhos” amargavam o limbo e as constantes ameaças por parte das veteranas. Sabedora de tal regra, Josy se obrigou a economizar dinheiro – ademais, ansiava por um corpo como o de Filomena, que se tornara seu ideal feminino.

Buscando informações sobre como transformar o corpo, Josy foi escolhendo a forma que melhor se adequava ao seu poder financeiro e também ao seu ideal feminino. Para sair da categoria “viadinho” e passar para à categoria logo acima, a “belíssima”, Josy poderia se “bombardar” com silicone industrial, que é mais barato, mas que exige o uso de hormônios femininos como coadjuvantes na transformação corporal. Esses hormônios acarretam dificuldades de ereção, o que representa grande problema, posto que, segundo Josy e outras as travestis, a clientela tende a ser de passivos (Silva, 2007; Don Kulick, 2008; Duque, 2011).

Portanto, se Josy fizesse a opção por silicone industrial, perderia clientes, ficando restrita àqueles que a buscassem para ser passiva na relação sexual. Por outro lado, se escolhesse a prótese de silicone, ela sairia da categoria “viadinho” e passaria diretamente para a categoria “europeia”, que é considerada pelo grupo como o ápice da carreira da prostituição travesti. Com essa opção, ela abriria mão do hormônio feminino, ficaria com o corpo desejado e não teria efeito negativo algum no pênis, uma ferramenta de trabalho de suma importância na prostituição, além de poder se prostituir nos locais mais cobiçados do território. Mas, diante de tais opções, somente um caminho existia: dinheiro. É ele que poderia fazê-la mudar de categoria, de identidade e de status.

Munida de todas essas informações, Josy fez sua escolha. Seria uma “belíssima”. Com esse objetivo em mente, ela foi guardando o máximo de dinheiro que pôde, afetando, inclusive, sua alimentação, que passa a ser frugal, contra a sua vontade. Mas sabe que isso é um sacrifício que precisa ser feito, como ela diz:

Aí eu consegui juntar a grana, passando fome aqui, ali, tendo de pagar o aluguel da Filomena, que era pior que o Seu Barriga pra cobrar aluguel. Juntei o dinheiro e fui lá com a bombadeira [pessoa que aplica silicone em outra]. Minha perna tremia quando chegou o dia. Eu ia virar mulher. Eu choro até hoje quando lembro. Me desculpa, tá? Eu me lembro desse dia como se fosse um dia desses. Eu enterrei o José naquele dia. Lembro que fiz questão de passar a mão bem devagarinho pelo corpo, pra sentir aquilo pela última vez, aquela coisa magra, cheia de osso. Eu enterrei o José e a Josy saiu gritando. Uma dor que não sei te dizer. A bicha enfiava a agulha em mim e ia apertando aqui, ali, e eu me torcendo na cama, gritando que nem uma louca. (Josy Kimberly, 2014).

Tendo o corpo transformado com silicone industrial, Josy voltou, três semanas após a recuperação, para o trabalho. Como naturalmente ocorria, não voltou para o território de outrora, nem deu-se ao trabalho de passar perto. Sua nova posição foi naturalmente assimilada pelas demais, que a aceitaram de pronto como “travesti de verdade” sem maiores questionamentos. Josy, tendo atuado intensamente para a modificação corporal, reiterou a hierarquia que lhe permitia, agora, flunar pelas ruas do bairro do Reduto, ostentando novo status. Porém, também reforçou para si o que Foucault chama de “as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam” (Foucault, 1999, p. 117).

Conforme os dias foram passando, Josy foi se apropriando da feminilidade que passara uma vida buscando, mesmo que essa busca tenha permanecido um tempo significativo na inconsciência de sua infância atribulada. Agora era diferente. As roupas mais decotadas, mais coladas ao corpo, começaram a sair do guarda-roupa e a modelar um corpo pensado e desejado também para isso. Butler (2003) afirma que o gênero não pode ser a expressão daquilo que alguém é, mas a expressão daquilo que alguém faz. A filósofa estadunidense defende que para o gênero vir a ser uma manifestação, uma prova concreta, a intenção do gênero exige uma *performatividade* insistente. Essa insistência, afirma Butler, é, tudo junto, “(re)encenação e nova experiência de um aglomerado de significados já instituídos socialmente para cada gênero” (2003, p. 91).

Diante disso, Josy, que vivia o auge de uma existência pautada no “quase vir a ser”, agora dizia a plenos pulmões: “Sou uma mulher! Cada pedaço desse corpinho aqui, cada bolota de silicone que tá aqui dentro me fez virar essa

diva aqui, ó!”. Dessa forma, assim como gênero é “performático”, nos é dada a possibilidade de pensarmos que a construção da identidade travesti também o é. Nossas caracterizações são determinadas por nossos atos performáticos, pelos nossos desempenhos ante dada situação. Os efeitos que resultarão de gestos, estilos, olhares, maneiras de falar, adoção de vocábulos, sentimentos, posturas, indumentárias, adereços, movimentos corporais, vão formar o “eu” de cada indivíduo, que Butler vai chamar de “marcação do gênero em questão” (2003, p. 30).

## E Eva foi expulsa do paraíso

Quando completou vinte anos de idade, Josy Kimberly, então há dois anos sendo uma “belíssima”, viu seu mundo feminino paulatinamente ruir. Começou com um cansaço, que ela insistia em afirmar ser por causa de poucas horas de sono, mas que aos poucos foi se transformando em algo visivelmente grave. Emagrecera de maneira evidente, fato que não passou despercebido por suas companheiras. Em dada noite, após sofrer em casa com uma febre insistente, Josy foi trabalhar. No entanto, passou pouco tempo na sua habitual esquina, pois mal conseguia manter-se em pé. Foi tateando as paredes do prédio que fica na Travessa Quintino Bocaiúva com a Rua Gaspar Viana, o corpo curvado, suando aos cântaros, até conseguir apoio num hidrante. Antes de cair, gritou por socorro, só voltando a abrir os olhos quatro meses depois.

Não lembro de muita coisa desse dia, sabe. Eu tava doente, eu sabia que tava. Eu sabia que tinha me contaminado com aquele filho da puta que me disse que tava limpo. Como fui burra, burra mesmo. Desculpa. Eu não consigo falar sobre essa merda sem chorar. Eu não queria aceitar que depois de ter virado uma mulher de verdade, depois de ter passado por tudo de ruim nessa vida, eu ia pegar a tia [HIV]. Eu chorava na frente do espelho, apertando meu peito grande, meu quadril, tudo meu. Eu me revoltava. Mas chegou o dia, né? Eu peguei toxoplasmose. Fiquei quase quatro meses em coma. (Josy Kimberly, 2014).

Quando a ambulância chegou, ninguém se apresentou para ir com Josy. Nem Filomena. Alguém disse que seu nome era José e que o sobrenome “deve



ser Silva”. Quando chegou ao Hospital João de Barros Barreto, ela foi instalada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e lá permaneceu por claudicantes quatro meses, sem visita de Filomena, de familiares, de amigos. Josy conta que como estava em coma, nada sabia do que estava acontecendo, nem da gravidade do seu estado, muito menos “das ausências de gente”. Em sua fala, não é possível identificar surpresa diante desses fatos, principalmente sobre a crise de ausências relacionadas aos amigos. Costuma afirmar que a vida na ilha do Marajó e também nas madrugadas frias a ajudaram a não confiar em pessoas. Entretanto, essa incredulidade foi rompida, quando uma médica infectologista do hospital, chamada Amélia,<sup>13</sup> que cuidava do seu caso, passou a travar sucessivas conversas com ela, logo após despertar do coma.

A doutora Amélia foi um anjo. Não, não. Ela ainda é. Hoje eu trabalho na casa dela, não sou mais puta, sou uma travesti doméstica. Só odeio usar uniforme, mas é uma exigência, sabe. Quando recebi alta, eu não sabia pra onde ir. A Filomena não foi me visitar. Ninguém foi. Me falaram lá no Barros. A doutora Amélia me deu o número do celular dela, disse que eu podia contar com ela. Eu falei minha história pra ela, né? Ninguém pra conversar. Quando voltei na casa da Filomena, a bicha me recebeu como se eu tivesse acabado de chegar da festa. E ainda disse que eu tava devendo meses de aluguel. A frouxa ainda me disse isso. (Josy Kimberly, 2014).

Iniciada no tratamento para controlar a doença, Josy viu-se forçada a reinventar a vida novamente. Sua recuperação fora uma surpresa para aqueles que acompanhavam seu caso. Mas após a alta médica, ela precisava pensar no que fazer de agora em diante. Voltaria para a prostituição no Reduto? Parecia ser o caminho mais óbvio. Mas não foi a decisão que ela tomou. Disposta a recomeçar, ela resolveu pedir ajuda para Amélia, a médica que a ajudou. Entrou em contato e, dias depois, iniciou uma nova jornada, dessa vez como empregada doméstica. No momento dessa entrevista, Josy ainda era funcionária da médica, dizendo-se muito feliz com a vida que levava, pois tomava os remédios cotidianamente, praticava exercícios físicos e ainda havia conseguido um namorado. Por diversas vezes, em sua fala, o uso do uniforme foi citado como algo que a incomodava. Não se sentia bem dentro de algo que escondia “seus seios grandões e durinhos”. Contudo, como ela mesma

---

13 Nome fictício para preservar a identidade da pessoa citada.



ressaltou no extrato acima, o incômodo é ignorado, pois entendeu que isso é pequeno perto da ajuda recebida por Amélia.

A doença, os momentos passados no hospital, os perigos da prática sexual sem proteção, tudo isso pululou na mente de Josy. Após sair do hospital e conseguir um emprego de carteira assinada, ela tomou a decisão de procurar o GHP (Grupo Homossexual do Pará), pois queria fazer alguma coisa para alertar as ex-companheiras acerca dos riscos de se contrair uma DST.

Eu me informei sobre o GHP com uma bicha amiga minha. Eu sentia que precisava fazer alguma coisa, sabe. Ficar naquele hospital é horrível, boy. Muita solidão. Muita mesmo. Não desejo aquilo pra ninguém. Aí essa bicha me indicou o GHP e eu fui lá. Tu acreditas que eles me disseram que as travestis são ariscas, que expulsam todo mundo que vai lá levar camisinha? Eu disse pra bicha lá que era pra ela colocar camisinha numa sacola, colocar panfleto, qualquer coisa, que eu mesma ia lá falar com as bichas. E assim eu fiz. Chegava com a minha sacola, pegava os panfletos e ia de uma por uma. Algumas me xingavam, faziam graça, essas coisas, sabe? Mas eu continuava mesmo assim. Faço isso faz mais de ano. Tiro um dia da semana, todo sábado, e vou lá falar com as bichas. Alguém precisa fazer isso, menino. (Josy Kimberly, 2014).

Diante da nova realidade, Josy, solitariamente, inicia uma atividade que aos seus olhos é algo simples, como levar uma sacola de supermercado cheia de preservativos e explicar para outras travestis acerca dos perigos de se fazer sexo desprotegido. No entanto, ir ao território de prostituição e iniciar diálogo com fins de prevenção é algo complexo, como destaca um membro do GHP:

O negócio é assim. Elas [travestis] são complicadas. Existe um programa de prevenção de DST/AIDS ligado à Secretaria Municipal de Saúde, mas o problema é que os profissionais de saúde são impedidos de frequentar, entendes? Elas ameaçam, xingam. Qual a solução que encontramos, em conjunto com a SESMA? Capacitar travestis que já não se prostituem para que façam esse trabalho nos territórios de prostituição, inclusive no Reduto. Mas surgiu outro problema. Elas não querem ganhar um salário-mínimo para fazer tal serviço, pois alegam que ganham mais fazendo outras coisas. Há, obviamente, outras soluções paliativas, mas nada muito amplo. O que

a Josy faz é algo bonito. Um ativismo solitário que é bem visto por nós, mas que poderia ser, caso ela se dispusesse a se capacitar, bem mais profissional. (Eduardo Pamplona, 2014).

Nessa perspectiva, a própria Josy salienta que não faz um ativismo clássico, de uma organização pautada em regimentos e táticas de amplo alcance. Ao contrário. Ela destaca que suas idas aos territórios para conversar sobre prevenção são algo que a ela faz bem, mesmo que aos olhos do GHP isso seja considerado um “ativismo solitário”. Tais idas, ela afirma, são solitárias, sim, mas podem ter uma receptividade positiva, uma vez que o trabalho de prevenção realizado pela prefeitura não consegue alcançar essas pessoas.

## Considerações finais

A história de vida apresentada nessa narrativa traz aprendizados, mas mais que isso, traz inquietações. Algumas foram mostradas ao longo do texto, como as diversas solidões, desde aquela do seio familiar, até aquela do seio fraterno. Da rigidez das hierarquias, do prestígio perante um grupo, das questões de gênero, das dinâmicas que sustentam uma posição nesse mundo da travestilidade, enigmático, sedutor.

Para além das descrições de Josy Kimberly, que podem ter sido ricas em alguns detalhes, é preciso que se olhe para um outro plano que perpassa toda a sua trajetória. Isso diz respeito às perplexidades e interrogações acerca dos meandros que a prática da prostituição travesti assume, quando se materializa e se torna vida, nos becos, guetos – uns fétidos, outros nem tanto, uns frios, outros quentes, uns apinhados de gente, outros apinhados de ausências – das grandes cidades brasileiras, aqui exemplificados pelo bairro do Reduto, na cidade de Belém.

Nesse horizonte, uma fala de Josy é retomada: “Sempre fui invisível. Na ilha, em Belém, no Reduto, no Barros. Mas te digo uma coisa. Posso ser invisível mesmo, pra todo mundo, mas sou mulher. Mulheríssima”. A invisibilidade reclamada por Josy é facilmente identificável, não somente por ela, mas por todas as outras que *batalham* madrugadas a fio, aquecendo seus corpos siliconados ou não, em corpos fugidios, daqueles que as desprezam durante o dia, mas que as veem como um farol quando a noite, senhora austera, cai sobre a vida cidadina.

Josy Kimberly encerrou um ciclo, fez um movimento impensável para muitos indivíduos acostumados ao calor do seio familiar e ao ideal heterossexista que nos cobre com seu véu – corrosivo para uns, vital para outros. O deslocamento do lugar social experimentado por ela e por suas companheiras permite analisar a prostituição travesti não como um destino, mas como uma escolha da vida. Esse deslocamento leva à profunda análise ao tratar a prostituição enquanto um espaço social constituído por meio de áreas de influência e de liberdade individual assistida, no qual o risco de violação é constantemente calculado e severamente punido.

Tais reflexões foram fortemente vivenciadas por Josy Kimberly e por suas companheiras. Essas – por que não? – *mulheres* vivem sob o signo da desconfiança, da ojeriza, da subalternização, mas espelhando a longevidade da sua profissão – não mais a de Josy – tornam-se atemporais, insistindo em mostrar para a sociedade o incômodo de suas existências.

## Referências

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1: Artes de fazer.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza da. *O tempo na e da cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. v. 1: A vontade do saber.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 15-55.

MEIHY, José Carlos. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre a prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume, 2009.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SAKAMOTO, Leonardo (Coord.). *Trabalho escravo no Brasil do Século XXI*. Brasília: OIT, 2006.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VASCONCELOS, Osvaldo. *Trajetórias (re)vividas: hierarquias, conflitos e tensões na luta por reconhecimento entre travestis que se prostituem no bairro do Reduto, em Belém (PA)*. Dissertação (Mestrado Comunicação, Linguagens e Cultura) – Unama, Belém, PA, 2016.

VASCONCELOS, Osvaldo; CAL, Danila; MOKARZEL, Marisa. Tinha travesti brincando de “pira”: construção simbólica de hierarquias e territorialidades na prática da prostituição. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 46-58, jan./jul. 2016.

## Fontes orais

KIMBERLY, Josy. [out. 2014]. Entrevistador: Osvaldo Vasconcelos. Belém, PA, 21 dez. 2014.

PAMPLONA, Eduardo. [dez. 2014]. Entrevistador: Osvaldo Vasconcelos. Belém, PA, 10 dez. 2014.

**Resumo:** Este artigo busca analisar a construção de relações interpessoais a partir das múltiplas moralidades e relações de poder relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Através de uma metodologia que privilegia a história oral, acompanhamos Josy Kimberly, travesti que se prostituiu em Belém (PA), sob as óticas de Eve Sedgwick e Berenice Bento. A biografada ultrapassa uma barreira identitária quando deixa para trás um corpo masculino e cria para si um novo corpo, mais condizente com a feminilidade que julga lhe pertencer; essa jornada é tratada sob a perspectiva de Judith Butler, que analisa o gênero não como uma sensação cultural num corpo que é dotado de determinado sexo, mas como o processo no qual o sexo é solidificado. Os corpos de Josy, tanto aquele que abandona como aquele que inventa para si, são esmiuçados ainda pelo ponto de vista de Michel Foucault, quando afirma que não só o corpo tem história, mas também carrega essa história consigo, ao mesmo tempo que inscreve outras que estão por vir.

**Palavras-chave:** História oral. Travesti. Prostituição. Gênero. Corpo.

**Josy Kimberly – crossing narratives: gender, body, prostitution and lone activism in Belém, Brazil**

**Abstract:** This article analyzes the construction of interpersonal relations based on the multiple moralities and power relations established with regard to sexual and gender diversity. Through a methodology focused on oral history, we follow Josy Kimberly, a transvestite who used to be a prostitute in Belém, from the perspectives of Eve Sedgwick and Berenice Bento. The biography subject overcomes an identity barrier when she leaves behind a male body and creates a new body for herself, which is more in synch with the femininity that she thinks she has. This journey is addressed from the perspective of Judith Butler, who analyzes gender not as a cultural sensation in a body with a particular sex, but as the process in which sex is solidified. Josy's bodies – both the one she abandons and the new one she invents for herself – will also be examined from Michel Foucault's point of view, when he asserts that the body not only has its history, but also carries that history while inscribing others to come.

**Keywords:** Oral history. Transvestite. Prostitution. Gender. Body.

Recebido em 24/07/2017

Aprovado em 08/12/2017